



PROJETO TIETÊ

20 anos



NILTON FUKUDA/VE

Retilíneo.
Rio Tietê na
região do
Cebolão,
em SP

O rio ainda pede água

Avanço em duas décadas inclui expansão da **coleta** e **tratamento de esgoto**, mas Tietê ainda parece **morto** na Região Metropolitana

Com 1,2 milhão de adesões a um abaixo-assinado – a maior mobilização por uma causa ambiental na América Latina até hoje –, a campanha de despoluição do Rio Tietê liderada pela então *Rádio Nova Eldorado AM* sensibilizou o governo estadual a dar início ao projeto de limpar o curso d'água mais famoso de São Paulo. Após 20 anos, várias ações surtiram efeito, como o aumento da coleta e trata-

mento de esgoto, reduzindo a mancha de poluição numa extensão de 160 quilômetros. Os moradores da Região Metropolitana, porém, ainda não conseguem visualizar avanços na despoluição do rio – sua cor continua negra, a água não se movimenta e o cheiro ainda incomoda. Segundo a Sabesp, a melhora na qualidade da água ficará perceptível até 2015, quando 30 quilômetros de rio que cortam a

metrópole passarão a ter vida aquática e outros 30 quilômetros deixarão de ter odor desagradável. A previsão é de que, até 2020, o rio inteiro deixará de ser fétido e 160 quilômetros do Tietê na Região Metropolitana poderão abrigar peixes. Para o geógrafo Wagner Ribeiro, a população deve fazer a sua parte, parando de usar o rio como depósito de lixo e fiscalizando promessas e prazos do governo.

PROJETO TIETÊ



Mobilização. Ato público de lançamento da campanha pela despoluição do Rio Tietê levou milhares de pessoas ao Parque do Ibirapuera em outubro de 1990

JULIO ALCANTARA/AE - 13.10.1990

Iniciativa da 'Rádio Eldorado' deu arrancada para campanha de despoluição do rio

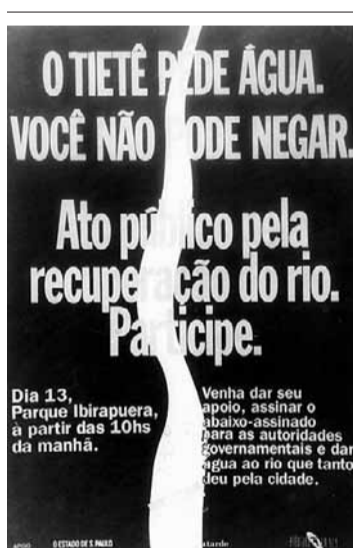
Abaixo-assinado recolheu mais de 1 milhão de assinaturas, sensibilizou políticos e empresários e gerou projeto de US\$ 2,65 bilhões

Karina Nimri

A campanha pela despoluição do Rio Tietê começou em 1990, com uma iniciativa da então *Rádio Nova Eldorado AM* (hoje *Eldorado Brasil 3000*) – um programa chamado *O Encontro dos Rios*, que traçava um paralelo entre o Tietê, que banha Londres, e o maior rio paulista em extensão.

O programa repercutiu e a população começou a se envolver, aderindo a um abaixo-assinado coordenado pela rádio. *Estado, Jornal da Tarde e Eldorado FM* abraçaram a causa. Criou-se então o Núcleo União Pró-Tietê, instalado na SOS Mata Atlântica, que recebeu patrocínio de US\$ 350 mil do Unibanco. Na sequência, a Fiesp assinou um convênio com a Secretaria Estadual de Meio Ambiente para controle dos resíduos industriais.

A Câmara Municipal também aderiu à iniciativa, aprovando três moções de apoio à campanha. O slogan “O Tietê pede água. Você não pode negar” parecia ter acordado as pessoas para a situação do rio, que, como disse o escritor Alcântara Machado,



● **Chamado**
Cartaz da *Rádio Eldorado* convocando a população para o ato público de lançamento da campanha de despoluição do Rio Tietê, realizado em 13 de agosto de 1990, no Parque do Ibirapuera.

“despoetizou-se e empobreceu por São Paulo e pelo Brasil”.
No meio disso, um personagem insólito apareceu, chamando a atenção para a possibilidade

de vida naquelas águas: Teimoso, um jacaré que passou a habitar as várzeas imundas do Tietê. Até hoje tem quem ache que o abaixo-assinado que recolheu 1,2 milhão de assinaturas – maior mobilização por uma causa ambiental até hoje no País – deve muitas rubricas ao Teimoso, que acabou rubricado para o zoológico de São Paulo.

Projeto Tietê. Com iniciativa da Sabesp e apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o governo do Estado lançou em 1992 o Projeto de Despoluição do Rio Tietê. A primeira etapa, entre 1992 e 1998, consumiu US\$ 1,1 bilhão com a construção de três estações de tratamento de esgoto.

Na segunda etapa, entre 2000 e 2008, foram investidos US\$ 500 milhões, sendo US\$ 200 milhões financiados pelo BID e US\$ 300 milhões com recursos da Sabesp, que teve apoio do BNDES. Na terceira, que se estende até 2015, serão investidos mais US\$ 1,05 bilhão para coletar o esgoto de 1,5 milhão de pessoas e tratar o de mais 3 milhões.

A Sabesp diz que até 2015 os

efeitos do projeto serão visíveis para a população da Região Metropolitana – 30 km do rio que cortam a metrópole passarão a ter vida aquática e outros 30 km deixarão de cheirar mal. E afirma que, até 2020, haverá a universalização do saneamento e o fim do mau cheiro das águas.

É difícil identificar o momento preciso em que a cidade virou as costas para o rio, mas há algumas pistas. “Em 1944, a Travessia de São Paulo a Nado, competição que acontecia desde 1924, foi cancelada porque se concluiu que o rio não podia mais garantir condições de salubridade aos atletas”, lembra o professor do Departamento de História da Unifesp Janes Jorge, autor do livro *Tietê – O Rio Que a Cidade Perdeu*.

O Tietê chegou a abastecer com água vários bairros da cidade entre o final do século 19 e as duas primeiras décadas do século 20. Segundo Jorge, em 1898, com dificuldades para abastecer toda a população, a Repartição de Águas e Esgotos (RAE) retirou bairros proletários como Brás, Bom Retiro, Barra Funda,

Belenzinho, Campo Grande e Cambuci do Sistema Cantareira, que provia água de excelente qualidade, e passou a abastecê-los com água captada no Tietê. “Isso provocou uma reação contrária dos círculos médicos, pois não havia um sistema de tratamento que garantisse a qualidade da água captada”, afirma o professor. A água distribuída na cidade só passou a ser clorada em 1926.

Riqueza. O Tietê possibilitou o crescimento e o desenvolvimento de São Paulo. Forneceu areia, argila para os tijolos que transformaram suas várzeas, pedregulho, energia elétrica, peixes para os moradores do arredores, água para o consumo e a prática de esportes. “Na virada do século 19 para o 20, São Paulo era uma cidade de 250 mil habitantes que curtia o rio. Ele era usado por remadores, para passeios, caminhadas, banhos. Agora, podemos até despoluí-lo, mas é preciso pensar em como vamos reconquistar a beira-rio. Como o paulistano vai poder curtir-lo de novo, à beira da Marginal?”, pergunta Jorge. É algo a se pensar...

REPERCUSSÃO

Gustavo Rosa
Artista plástico e designer da logomarca da campanha pela despoluição.

“A logo é um peixe com metade do corpo para fora d’água. Ele está indo buscar oxigênio, pois no rio não tem mais.”

Angelina Basílio
Presidente da Rosas de Ouro, aderiu ao abaixo-assinado pela despoluição.

“Meu segmento é o dos sonhos. Na Escola, nós os realizamos. Por isso, creio que o rio vai melhorar.”

Arrigo Barnabé
Compositor que rubricou o abaixo-assinado.

“Melhorou muito pouco, para 20 anos de campanha. Devemos pedir aos governantes e à população que tenham carinho com o rio.”

CRONOLOGIA

A despoluição, passo a passo

1990
Vai ao ar o programa *O Encontro dos Rios*, na então *Rádio Nova Eldorado AM*. Jornalistas descem o rio e contam suas impressões. Simultaneamente, em Londres, uma equipe da BBC fazia a mesma coisa no Tietê, comentando a recuperação daquele rio.



1991
Lançamento da Campanha pela Despoluição do Tietê. A *Rádio Eldorado*, em parceria com seus ouvintes, coleta 1,2 milhão de assinaturas. Nasce o Núcleo União Pró-Tietê, instalado na SOS Mata Atlântica.

1992
Lançamento do Projeto de Despoluição do Tietê. Em parceria com o BID, a Sabesp lança o projeto de despoluição do Tietê. Na primeira eta-



pa, entre 1995 e 1998, são construídas 3 estações de tratamento de esgoto (São Miguel, Parque Novo Mundo e ABC). Somadas à ampliação da ETE Barueri, aumentam a capacidade de tratamento de esgotos na Região Metropolitana em 9500 litros/segundo.

2000
Início da segunda etapa do Projeto Tietê

A operação do Emissário Pinheiros-Leopoldina beneficia mais de 3 milhões de pessoas. O investimento total é de US\$ 500 milhões.



2002
Início das obras no Rio Pinheiros e na Billings

Segunda etapa prossegue com foco em obras na bacia do Rio Pinheiros e no entorno da Represa Billings, visando sua recuperação para abastecer a Região Metropolitana. Os índices de coleta de esgotos foram ampliados de 80% para 84% e do tratamento de 62% para 70%, permitindo que 350 milhões de litros de es-

gotos deixassem de ser lançados nos rios.

2009
Começa a terceira etapa do Projeto Tietê

Com previsão de se estender até 2015, essa fase do projeto prevê a construção 1.250 km de redes coletoras, 200 mil ligações de esgotos domiciliares e a ampliação da capacidade de tratamento de esgotos em 7,4 m³ por segundo. A meta nesta fase é aumentar a coleta de esgotos de 84% para 87% e o tratamento de 70% para 84%.

A Eldorado Brasil 3000 e a Estadão ESPN apresentam reportagens comemorativas

Até o fim deste mês

20 anos

ENTREVISTA

Malu Ribeiro, coordenadora da Rede das Águas da SOS Mata Atlântica

'Sanear é ação de cidadania'

Ambientalista afirma que, em 20 anos de Projeto Tietê, houve avanços, mas os desafios continuam grandes

Afra Balazina

“Não tem varinha mágica.” Para Malu Ribeiro, coordenadora da Rede das Águas da SOS Mata Atlântica, o processo de despoluição do Rio Tietê é demorado, mas houve avanços.

● **Quais foram as principais mudanças no Tietê nesses 20 anos de campanha pela despoluição?**
De 1990 até 1999, o grande vilão era a indústria. De 2000 a 2005, passou a ser o esgoto doméstico. E, de 2006 até hoje, a gente passou a ter outros problemas além do esgoto: os biodegradáveis, o lixo e o desmatamento. Dá para dividir 50% em esgoto e outros 50% nesses três itens.

● **Qual é o problema dos biodegradáveis?**

O princípio ativo que faz com que os componentes do biodegradável se decomponham é o oxigênio. A gente usa toneladas de biodegradáveis – pasta de dente, xampu, detergente –, e isso vai para o tratamento de esgoto, que não trata os químicos, apenas o material orgânico. Isso segue para o rio e deveria encontrar água com oxigênio para se decompor. Mas não há oxigênio nem movimentação. Quem ajuda a decompor são as corredeiras de Pirapora até Salto. Quando essas cargas passam por lá, a água oxigena. Ao longo de 100 km vai se oxigenando e formando as espumas.

● **E como resolver essa questão?**

Os princípios ativos do biodegradável que o Brasil usa, o fósforo e o nitrato, têm a mesma base que os fertilizantes. Então, quando chegam na Billings, na Guarapiranga, eles aumentam a proliferação de algas, que consomem oxigênio. A gente precisa mudar a legislação. Alemanha, Suíça, Canadá e Holanda proibem esses componentes. Mas, para nós, é cultural: ao usar sabão que não forma espuma você tem a sensação de que não limpa. Passa pela educação.

● **Qual foi a maior dificuldade durante os 20 anos de campanha?**

Em 1999, no fim da primeira etapa de despoluição, não tínhamos informação, não havia transparência do governo em relação à aplicação dos recursos. A gente precisava que ONGs parceiras no exterior contatassem o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Washington para pegar dados. Era terrível. E aí a despoluição teve um grande uso político. Em campanha eleitoral, diziam que num curto espaço de tempo as pessoas beberiam água do Tie-



Crítica. Para Malu, ampliar marginal foi erro grave

tê. Isso foi um desserviço, as pessoas se sentiram enganadas.

● **E como contornaram essa situação?**

A gente precisava reagir e foi lançada outra vinheta: Continuamos de Olho. A soma de uma imprensa que fiscalizava e cobrava e uma sociedade que se mobilizava foi uma vitória. Tivemos uma mudança de governo, entrou Mario Covas, e o Projeto Tietê não foi abandonado, o que é raro. Ele continuou com Covas, com Geraldo Alckmin, com José Serra e agora com Alckmin de novo. Foi um resultado positivo de cidadania.

● **Mas as pessoas da Região Metropolitana não veem muitas melhorias no rio...**

Quem passa pela Marginal não percebe que o rio está mudando. Mas em Araçatuba, a cidade capta água para abastecimento público no Tietê. Quando a campanha começou, nenhuma cidade fazia isso.

● **O que você achou da ampliação das pistas da Marginal?**

Foi um erro gravíssimo. A sociedade queria, todo mundo ascendeu economicamente e comprou carro. Mas se, em vez de mais uma pista, tivesse sido feito um metrô de superfície, não seria melhor? Mas a população queria mais pistas, e o governo respondeu à pressão. Logo perceberão que terão de desfazer para construir ciclovias. O trânsito está insustentável.

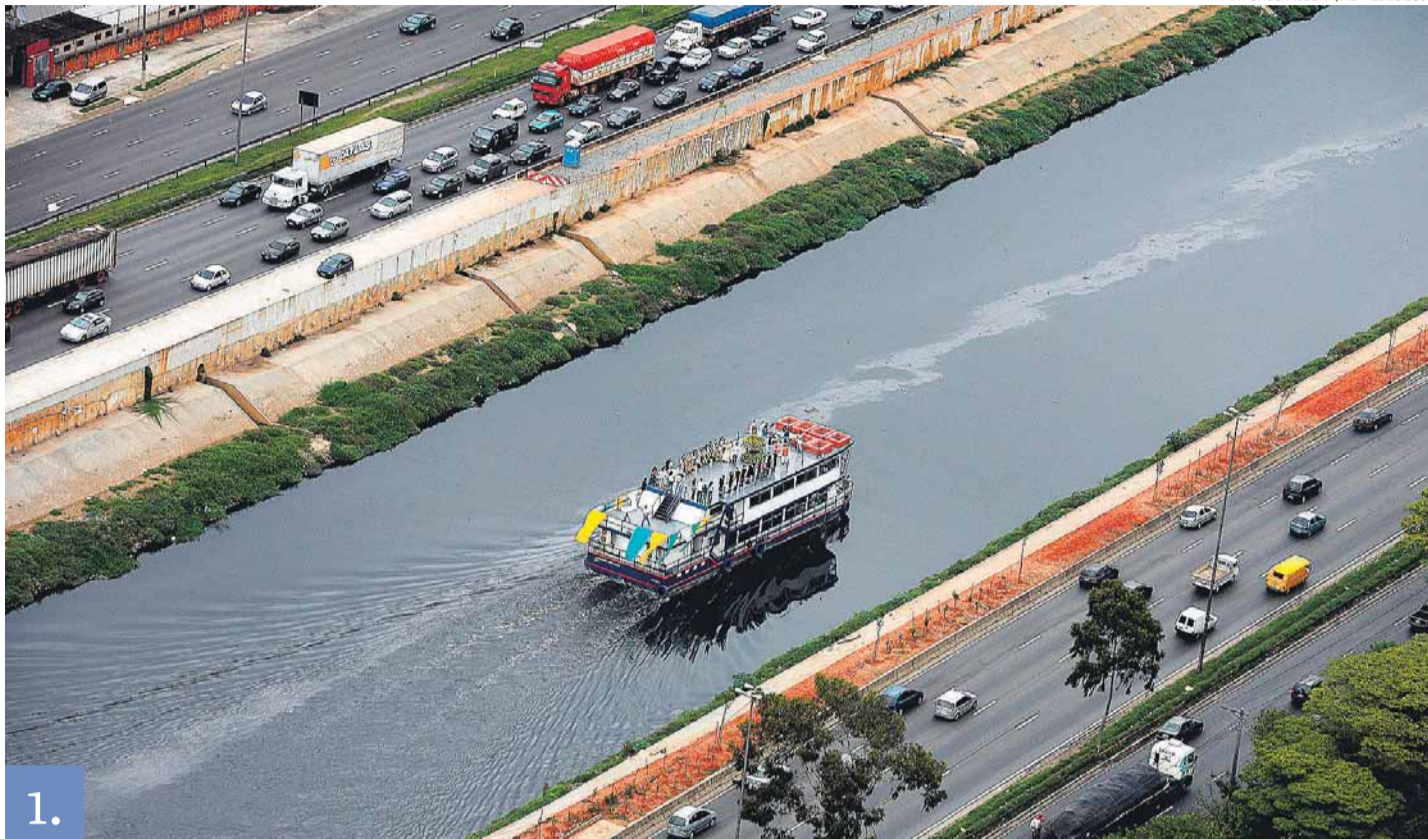
● **É viável ter táxis aquáticos no Tietê, como há em muitos locais?**

A gente aposta nisso. É a grande saída para o Tietê, fazer as pessoas usarem o rio. O Tâmis e o Reno são poluídos hoje por carga difusa, como fuligem de carro, resíduos de escapamento e chuva ácida, mas as pessoas usam. Então, aqui também dá para usar.

● **E qual é a sua expectativa para o futuro?**

Que o cronograma anunciado pela Sabesp seja cumprido (*universalização do saneamento até 2020 para a metrópole paulista e fim do mau cheiro*). E que a sociedade exija mais. Saneamento é ação de cidadania para todo dia e não poluir teria de ser um hábito de todos.

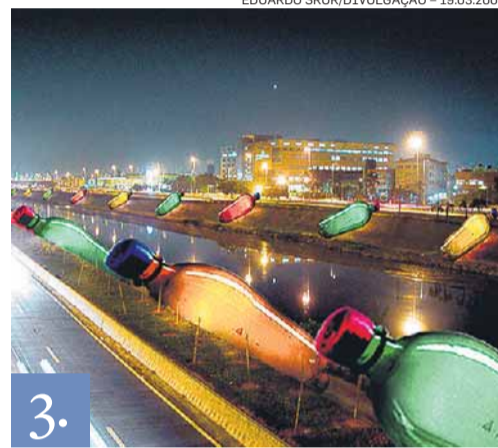
Ícone paulista



1.



2.



3.



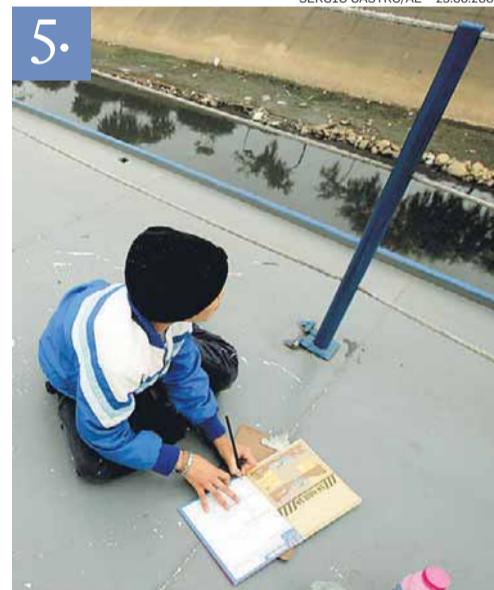
4.

TIETÊ AINDA OFERECE ESPAÇO E VISIBILIDADE

Instalações, peças, protestos, procissões: a luta para o rio recuperar o antigo glamour

Cada vez mais frequentes, as intervenções urbanas e artísticas no Rio Tietê e em suas margens vêm novamente chamando a atenção para o tema da despoluição.

Em 2008, o artista plástico Eduardo Srur colocou 20 garrafas gigantes feitas de vinil com formato de embalagens PET nas margens do rio, entre as Pontes do Limão e da Casa Verde. A intervenção, chama-



5.

1. Procissão de N. Senhora Aparecida pelo rio; 2. SOS Mata Atlântica promove a Praia do Tietê; 3. Intervenção urbana; 4. Expedição de remo em comemoração ao centenário do Corinthians; 5. Aluno de escola pública participa de passeio de barco no Tietê

vel por montagens como a premiada *O Livro de Jó*, levou às águas do Tietê o espetáculo BR-3, sobre uma família cuja matriarca se envolve com o tráfico de drogas em São Paulo.

“Estar dentro do rio foi incômodo no começo. Nós até tomamos cuidados exagerados, remédios. Mas, durante os ensaios noturnos, eu vi a lua refletida nele. E ali ele era um rio, como aqueles que eu visitei no Acre, quando fazíamos a pesquisa para a pe-

ça”, diz Eliana Monteiro, diretora de cena do espetáculo. Ela diz que, na estreia, choveu nas cabeceiras do rio e ela teve de pedir para que as comportas fossem abertas.

“Com a chuva, o nível foi aumentando e o lixo veio vindo junto com a água. Ali, o Tietê mostrou toda a força viva que tem”, diz a diretora. Tanto a peça quanto a exposição só eram acessíveis por via fluvial, de barco. /KARINA NINNI

População elevada e ocupação irregular são obstáculos

Professora da Poli/USP afirma que projetos de despoluição demoram e adverte que é preciso ajustar as expectativas

O rio citado por nove entre dez pessoas para traçar um comparativo com a situação do Tietê é o Tâmis, na Inglaterra. Ele já estava poluído no século 17 e seu projeto de despoluição começou em 1860. “Houve um desvio de esgoto no final do século 19, que ali-

viou o problema por um tempo. Eles jogaram o esgoto para frente, mais perto do mar. Esse paliativo durou 30, 40 anos. Mas, com a 2.ª Guerra, parte da estrutura foi danificada e na década de 1950 ele começou a apresentar novos problemas”, explica a professora da Escola Politécnica da USP Mônica Porto.

Ela afirma que não se pode comparar as situações dos rios. “A Região Metropolitana de São Paulo tem 20 milhões de habitantes, enquanto Londres tem 13 milhões. E Londres é um local de

urbanização organizada, ao passo que em São Paulo a maioria dos córregos que deságuam no Tietê está ocupada por invasões. Não se consegue passar canalização para coleta de esgoto. É preciso realocar as famílias.”

Bons resultados. Para Mônica, os bons resultados obtidos no Tâmis e no Reno – que corta Suíça, França, Luxemburgo, Alemanha e Holanda – estão ligados à capacidade de endividamento público e ao nível de investimentos. “O trabalho no Reno demo-

rou 30 anos, com investimento gigantesco. No Tâmis, este ano, eles voltaram a ter problemas, pois o sistema antigo de coleta obriga os gestores a vazarem parte do esgoto para o rio a cada vez que chove muito. Eles têm plano de gastar 3,8 bilhões de libras até 2020 para renovar o sistema.”

Ela lembra que os EUA investiram US\$ 200 bilhões em 25 anos para universalizar o tratamento de esgoto. “Em nosso caso, os resultados são bons. Passamos do muito ruim para o ruim. É preciso ter persistência.” /K.N.



Tâmis. Londres voltou a ter problemas com seu rio em 2011

PROJETO TIETÊ

Entre a capital e Salto, Rio Tietê é cenário de poluição e esperança

Sobrevoou encontrou muita espuma, mas há trechos com mata

Afra Balazina

A falta de movimento da água é uma das principais marcas do Rio Tietê na cidade de São Paulo. Na região de Santana de Parnaíba, o azul das piscinas dos condomínios de alto padrão contrasta com o tom de piche do curso d'água que não corre em direção ao mar. E, em Pirapora do Bom Jesus, a espuma é a característica visual mais expressiva do rio.

Do alto de um helicóptero, num sobrevoo entre a capital e Salto passando por cima da Estrada dos Romeiros, ainda é possível sentir o mau cheiro do Tietê. E ver que muitas das matas ciliares que deveriam proteger o rio de receber mais poluição estão destruídas.

No trajeto também encontramos algumas queimadas para limpar pastagens, plantações de eucalipto e diversas pedreiras – que, onde se instalam, deixam o ambiente desolador. E, fora as pessoas que construíram casas na margem, ninguém se aventura a chegar muito perto do rio.

Algum alento vem de reconhecer trechos de Mata Atlântica, bioma que já perdeu 93% de sua área original, pelo caminho. E notar que o traçado retilíneo artificial da capital é substituído pelas curvas naturais no interior.

Na parte cercada de mata e corredeiras, o rio com certeza “seria uma ótima opção de lazer, se a água fosse mais limpa”, diz o geógrafo da USP Wagner Ribeiro, co-

lunista da rádio *Estadão ESPN* que acompanhou o voo. Mas fazer rafting ali por enquanto está descartado.

Para ele, o Parque Ecológico do Tietê é um exemplo do bom uso do entorno do rio. “Se equipar e der condições, as pessoas vão utilizar.” Na opinião de Ribeiro, o aspecto mais negativo do passeio foi observar a presença de muita espuma e cheiro forte até Salto. “Em Pirapora, foi instalado uma espécie de chuveiro para reduzir a espuma, mas não se vê resultado.”

Condição ruim. Carlos Eduardo Carrel, superintendente de Projetos Especiais da Sabesp, explica que a vazão do Tietê é muito baixa, o que dificulta a dispersão dos poluentes. “O Tâmbora tem o dobro da vazão.”

Quando o projeto de despoluição do rio começou, o esgoto gerado por 83% da população da Região Metropolitana de São Paulo não era tratado. Hoje, 70% do esgoto coletado é tratado.

Os trabalhos, segundo a Sabesp, permitiram que 8,5 milhões de pessoas passassem a ter esgoto tratado – o que seria capaz de atender uma cidade do tamanho de Londres. Com isso, a mancha de poluição, que antes chegava até a barragem de Barra Bonita, agora está em Salto – redução de 160 quilômetros.

Nesta terceira fase do projeto, que vai até 2015, 28 municípios da Região Metropolitana de São

Paulo terão obras. Apesar de afirmar que o rio terá condições de abrigar peixes até o fim da década, a Sabesp não ousa falar que poderemos beber água do Tietê. Até porque, mesmo livre do esgoto, ele ainda recebe muito lixo e poluição difusa (como fuligem carregada pela chuva).

E por isso que tanto a Sabesp quanto as ONGs afirmam que apenas a ação do governo não basta: é fundamental o comprometimento de toda a população. Ainda se vê pessoas jogando móveis e objetos no rio. Parte da culpa é da coleta ineficiente e da falta de educação das pessoas.

Os dados atuais de monitoramento da qualidade da água obtidos pelos grupos de voluntários da SOS Mata Atlântica mostram que ainda há um longo caminho a trilhar. Nas bacias do Alto e Médio Tietê, de 338 pontos de coleta, 10,35% tiveram qualidade considerada péssima e 41,42%, ruim. No início da segunda etapa da despoluição, porém, a situação era pior: 11,11% dos pontos tinham classificação péssima e 51,85% ruim.

MOGI DAS CRUZES

Depois desse trecho, ele começa a receber poluentes agrícolas e o esgoto da cidade



Nascente

O Rio Tietê nasce na Serra do Mar, na cidade de Salesópolis. Durante o trajeto, ele recebe a água de:

149 RIOS E CÓRREGOS



A ROTA DA DESTRUIÇÃO

1 Retificação

A retificação encolheu o rio – de **46 quilômetros** de extensão entre Osasco, na Grande SP, e a Penha, ele **passou a ter 26 km**

COMO ERA O RIO ENTRE A VILA MARIA E A PENHA



ASSOREAMENTO

Com a retificação, uma área de 33 milhões de m² que eram inundáveis foi urbanizada. **A várzea tinha a função de transbordamento**; a ocupação dela resultou no **aumento da poluição e na piora nas inundações**. A saúde do rio foi deixada de lado e a retificação causou problemas urbanos e ambientais



37,5% DAS 1.600 FAVELAS DA CAPITAL ESTÃO PERTO DE LEITOS D'ÁGUA OU DE ENCOSTAS



24,9% DOS 870 LOTEAMENTOS DE BAIXA RENDA ESTÃO NA BEIRA DE CÓRREGOS OU EM AVENIDAS DE FUNDO DE VALE

20 anos

Confira videorreportagem sobre o trajeto do Rio Tietê da capital paulista até a cidade de Salto

Foz

O Tietê desemboca no **Rio Paraná**, na cidade de **Itapura**. Depois de percorrer:

1.136 km
E 62 MUNICÍPIOS

SOLUÇÕES

O exemplo inglês

O Tâmesa tinha o apelido de "Grande Fedor" na Londres do século 19. Uma medida fez com que o Tâmesa passasse a ter vida novamente: **tratar os esgotos da cidade**. Em 30 anos, o Tâmesa deixou de ser um "rio morto". **Ele abriga hoje 121 espécies de peixes**

O exemplo coreano

Extremamente poluído, o rio coreano Cheonggyecheon **foi totalmente revitalizado em apenas 4 anos** e hoje tem cascatas, fontes, peixes, crianças brincando e jovens se divertindo. O curso d'água recebeu peixes e vegetação. **Tudo ao custo de R\$ 700 milhões**

RECUO DA MANCHA DE POLUIÇÃO
MANCHA DE POLUIÇÃO, QUE CHEGAVA ATÉ A BARRAGEM DE BARRA BONITA (A 260 KM DA CAPITAL), RECUOU 160 KM E HOJE PARA EM SALTO (A 100 KM DA CAPITAL)

PORTO FELIZ

BARRA BONITA

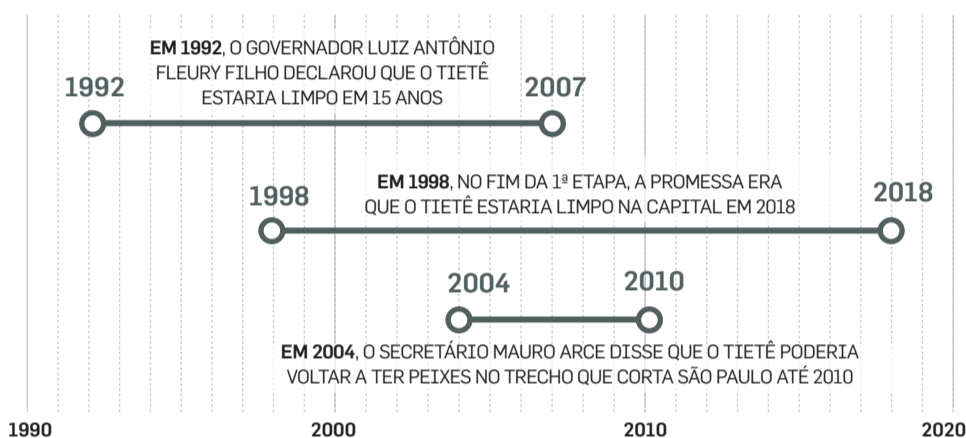
PIRAPORA DE BOM JESUS



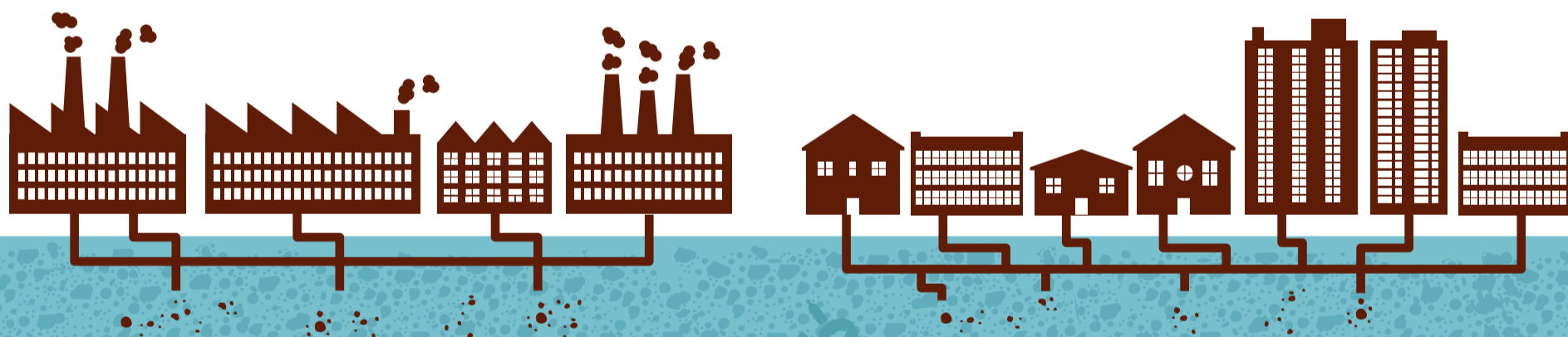
DUAS DÉCADAS DE PROMESSAS

O programa de despoluição do Tietê já custou **US\$ 1,5 bilhão, ou quase R\$ 3 bilhões ao Estado desde 1992**. Desde o início do programa, os ganhos no controle da poluição do Tietê ainda não são visíveis aos moradores

SALTO



SÃO PAULO



2 Industrialização

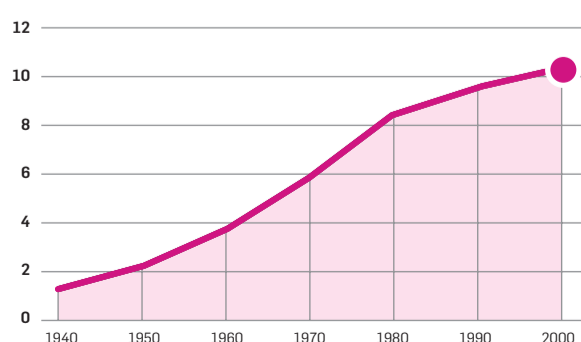
O processo de degradação do rio por poluição industrial e esgoto tem origem no processo de industrialização e de expansão urbana desordenada ocorrido nas décadas de 1940 a 1970. Para piorar, em 1955 o governo interligou a rede de esgotos e os dejetos de toda a indústria paulista passaram a terminar no Tietê

400

INDÚSTRIAS JOGAM ESGOTO INDUSTRIAL NO TIETÊ, COM UM TOTAL DE 300 QUILOS DIÁRIOS DE RESÍDUOS QUÍMICOS DEGRADANDO O RIO.

3 Crescimento da população

EM MILHÕES DE HABITANTES



A expansão urbana desordenada ocorrida nas décadas de 1940 a 1970 afetou seus principais afluentes, como os Rios Tamanduaté e Aricanduva

4 Esgoto sem tratamento

O maior vilão do Tietê no trecho da Grande São Paulo é o **esgoto doméstico e o lixo** que a população joga nas ruas e no rio. Além disso, a **limpeza urbana de São Paulo não é suficiente**, o que faz o lixo ir parar no Tietê

615

TONELADAS DE DEJETOS DAS CIDADES ATENDIDAS PELA SABESP CHEGAM AO LEITO DO RIO MAIS IMPORTANTE DO ESTADO

APENAS AS CIDADES DE BIRITIBA MIRIM E SALESÓPOLIS TRATAM

100%

DO ESGOTO COLETADO

DOS MUNICÍPIOS ATENDIDOS PELA SABESP NA REGIÃO METROPOLITANA

7

NÃO TRATAM O ESGOTO, QUE É LANÇADO EM CÓRREGOS E RIOS QUE DESÁGUAM NO TIETÊ



Em 1970, o Tietê chegou a ter o nível de oxigênio de suas águas baixado para zero – ou seja, 'morto'

365 MIL

TONELADAS DE AREIA E LIXO ESTÃO ACUMULADOS NOS LEITOS DO TIETÊ E SEUS AFLUENTES

